Naufragio e salvamento

CAPITULO I

O PHAROL

Foi um dia extraordinario aquelle em que nasci. As vagas batiam na torre do pharol e o vento bramia furioso. Se não tivesse a torre sido solidamente edificada sobre a rocha forte e massiça, teria sido arrebatada pelo furacão e arremessada nas profundezas do mar embravecido.

A tempestade era medonha. Dizia meu avô que nunca vira outra igual, em quarenta annos que habitava a ilha.

Naquelle dia de tormenta muitos navios naufragaram, muitas vidas se perderam. No meio de tamanho temporal, quando o vento soprava com maior furia e mais impetuosas eram as vagas, cobrindo de espuma as janellas do pharol, vim eu ao mundo.

Nasci em um dia extraordinario e numa casa singular. A torre do pharol erguia-se sobre uma ilha distante quatro milhas da costa. Não era muito grande a ilha; do centro podia-se ver todo o mar em derredor—aquelle mar umas vezes tão azul, outras negro como tinta arrojando-se enfurecido contra os rochedos que circumdavam a pequena ilha. A um lado da ilhota, numa escarpada rocha que dominava o mar, levantava-se o pharol.

Todas as noites ao escurecer se acendiam as luzes.

Ainda me lembro como admirava essas luzes quando era menino. Ficava horas e horas a vel-as passar e mudar de côr. Primeiro era uma luz branca, depois azul, depois vermelha, depois verde, depois branca outra vez.

Os navios que passavam guiavam-se por essas luzes amigas, e evitavam os escolhos de cuja proximidade ellas os avisavam.

Meu avó, que se chamava Sandy Fergusson, era um dos pharoleiros que tinham a seu cargo a limpeza das lampadas e o cuidado de as accender todas as noites.

Era um ancião intelligente e activo, e desempenhava suas obrigações com exactidão e boa vontade. O seu maior desejo era conservar-se naquelle emprego até que eu podesse substituil-o.

Na época em que começa esta historia tinha eu doze annos, e de dia em dia ia crescendo sempre robusto. Meu avô tinha em mim todo o seu enlevo e dizia que, logo que chegasse á idade da adolescencia, faria com que eu fosse nomeado para cuidar do pharol em seu logar.

Era tão grande a minha predilecção por aquella casa singular, que não a trocaria por nenhuma outra. Muitos

haviam de achal-a enfadonha, porque raras vezes viamos cara estranha, e os pharoleiros só tinham licença de deixar a ilha por algumas horas, de dous em dous mezes; mas sentia-me feliz e julgava que não havia no mundo logar que se pudesse comparar com a nossa ilhasita.

Contigua á torre estava a casa onde moravamos. Não era grande, mas muito aprazivel. Todas as janellas davam para o mar, e quando abertas deixavam entrar em abundancia o ar fino do oceano. Toda a mobilia da casa pertencia ao pharol, e havia muito que alli estava quando meu avô foi para lá foi. As chicaras, os pires e os pratos tinham a vista do pharol cercado pelas ondas, com o nome correspondente em lettras douradas. Em menino achava aquella louça lindissima.

Tinhamos poucos visinhos. Só havia mais uma casa na ilha, do outro lado da torre. Pertencia essa casa ao sr. Jayme Millar, companheiro de meu avô nos trabalhos do pharol.

Junto ás duas casas havia um pateo, no meio do qual estava o poço com seu engenho de tirar agua. O pateo era cercado por um muro alto, que nos abrigava dos vendavaes.

Além do pateo havia dous quintaes separados por uma grade de ferro. O quintal do visinho estava abandonado e inculto, cheio de malvas, de ortigas e de cardos, porque o sr. Millar não era dado á jardinagem, nem sua mulher podia sel-o, por ter seis filhos que lhe tomavam todo o tempo.

Mas o nosso quintal era admirado por quantos visitam a ilha. Eu e meu avô trabalhavamos nelle nos dias de bom tempo e porfiavamos em trazel-o o mais limpo que era possivel.

Apesar da visinhança do mar, nosso quintal dava as mais bellas fructas e hortaliças, e os canteiros estavam cheios de flores, trepadeiras e outras plantas fortes que o ar do mar não prejudicava.

Naufragio e salvamento

CAPITULO I

O PHAROL

Ao quintal seguia-se um campo de dimensões regulares; cheio de comoros em que os coelhos bravos e as lebress, de que havia abundancia na ilha, estavam continuamente a levantar-se. N'este campo havia uma vacca e duas cabras que forneciam leite e manteiga ás duas familias. Para além do campo ficavam os rochedos da costa e um pequeno molhe que avançava pelo o mar.

Todas as segundas feiras de manhã costumava eu ir para este molhe ver se avistava o vapor que tocava na ilha uma vez por semana.

A chegada do vapor era para nós um grande acontecimento. Eu, meu avô, o sr. Millar, a mulher e os filhos iamos todos esperal-o á praia. Neste vapor vinham nossas provisões da semana, de uma cidade que ficava algumas leguas de distancia; e as vezes tambem vinha uma carta para o sr. Millar, ou um jornal para meu avô.

Meu avô não recebia muitas cartas, porque pouca gente o conhecia. Tinha passado n'aquella ilha solitaria a maior parte da sua vida, inteiramente separado do mundo. Todos os seus parentes tinham morrido, com excepção de meu pae, de quem não se sabia o que fôra feito. Eu nunca o tinha visto, porque se ausentára antes de meu nascimento.

Dizia meu avô que meu pae era marinheiro, e moço bello, alto e reforçado. Trouxera minha mãe para a ilha e a deixára ao cuidado do meu avô emquanto ia n'uma viagem á Australia. Partiu da ilha no mesmo vaporzinho que ali tocava ás segundas feiras de manhã. Meu avô ficou á beira do molhe até perder-se de vista o vapor,e minha mãe disse-lhe adeus com o lenço,emquanto se viu fumo no horizonte. Meu avô disse-me muitas vezes como ella parecia moça e formosa n'aquella manhã de estio. Meu pae prometteu escrever brevemente, mas nunca se recebeu carta alguma d'elle. Durante tres longos annos, todas as segundas feiras de manhã ia minha mãe para o molhe ver se o vapor lhe trazia noticias do marido.

Passados tempos, o andar tornou-se-lhe vagoroso, o rosto pallido, e por fim a fraqueza era tão grande que já não podia ir ao molhe á chegado do vapor. Pouco depois ficava eu orphão de mãe.

Desde o dia em que morreu minha mãe meu avô tornou-se para mim pae e mãe. Nada havia que não fizesse por mim, e sempre e em toda a parte eu estava a seu lado.

A' medida que fui crescendo ensinou-me a ler e a escrever, visto não haver ali escola que eu pudesse frequentar.

Tambem aprendi a tratar das luzes do pharol e a trabalhar no jadim. Suavemente deslizou-se-nos vida, a dia a dia, até que cheguei aos doze annos. Algumas vezes desejava que acontecesse alguma novidade, para ver quebrada a monotonia da ilha. Finalmente chegou essa novidade.

CAPITULO II

O CLARÃO NO MAR

N'uma escura noite de novembro estava eu assentado a mesa do chá com meu avó. Haviamos trabalhado toda a manhã no quintal; mas pela tarde tornára-se o tempo tão máu e chovia tanto que não sahimos de casa.

Estavamos pois tomando chá, planeando o que haviamos de fazer no dia seguinte, quando a porta se abriu subimente e appareceu no limiar a figura do sr. Millar, que exclamou :

—Vem cá depressa, Sandy. Olha para além.

Corremos para porta e olhámos para o mar. A umas tres milhas para o norte, avistamos um brilhante clarão. Resplandeceu ainda alguns momentos, illuminando o horizonte em que se montoavam as densas nuvens da procella, e extinguiu-se depois deixando tudo mergulhado nas trevas.

—O que é, meu avavô? peguntei.

Porém, não obtive resposta.

—Não ha tempo a perder, Jayme? exclamon elle. Deita o bote ao mar, meu rapaz!

Naufragio e salvamento

CAPITULO II

O CLARÃO NO MAR

—O mar está pessimo, disse Millar, olhando para as vagas que vinham açoutar os rochedos.

—Não importa, Jayme, replicou meu avô; havemos de fazer a dilligencia.

E desceram ambos para a praia, acompanhados por mim.

—O que é, meu avô? tornei a perguntar.

—Alguma cousa aili vai mal, disse elle, apontando para o logar onde via a luz. Aquella luz é o signal que costuma fazer-se quando ha perigo e se pede soccorro urgente.

—Vai soccorrel-os?

—Vou, se pudermos pôr o barco a nado, respondeu elle.

E dirigindo-se a Millar, exclamou:

—Então, Jayme, estás prompto?

—Oh deixa-me tambem ir? perguntei. Talvez possa ajudal-o.

—Pois sim. Veremos isso, se conseguirmos lançar o barco á agua.

Ainda me recordo desta scena, como se tivesse succedido hontem. Meu avô e o sr. Milar empregando todas as suas forças para afastarem o barco da terra, emquanto que eu, agarrado a um dos bancos, em vão tentava servir-me do leme. Ainda estou avistando a pobre sra. Millar, de pé sobre o molhe, com o chale pela cabeça, com duas das suas filhinhas agarradas ao vestido, olhando para nós. Afigura-se-me ver as ondas, que cada vez pareciam mais altas, ameaçando desfazer em pedaços o nosso pequeno barco. E ainda me parece estar vendo o rosto desanimado do meu avô, quando, depois de muitas tentativas baldadas, se viu obrigado a desistir.

—Parece-me que nada faremos, Jayme, disse elle por fim. Não temos braços para governar o barco.

De modo que desembarcámos como pudemos e começámos a passeiar pelo molhe. Não avistamos cousa alguma. A noite estava escurissima, e as trevas cobriam o mar completamente.

As luzes dos pharol brilhavam com intensidade; havia mais de duas horas que tinham sido accesas. Millar estava de serviço e foi para a torre; meu avô ficou comigo no molhe.

—Então, nada se póde fazer, avô?

—Parece-me que não. E' impossivel abrir-mos caminho atravez de um mar destes. Se o tempo abrandar alguma cousa, tornaremos a experimentar.

Mas o tempo não abrandava. Continuámos a passeiar no molhe, de um para outro lado, sem proferir palavra.

Subitamente, vimos subir ao ar um foguete, lançado, por certo, do mesmo sitio em que viramos o clarão.

—Lá estão outra vez, Alick. Pobre gente!

—E não podemos accudir-lhe de modo algum? tornei a perguntar.

—Não, meu rapaz, respondeu meu avô. O mar é muito para nós. Está uma noite horrivel. Faz-me lembrar o dia em que nasceste.

Assim foi passando a noite. Não pensámos em deitar-nos, e continuámos a passeiar no molhe, com os olhos fitos na direcção em que tinhamos visto os signaes. De vez em quando, durante algumas horas, vimos atirar foguetes; depois, nada mais.

—E' que não teem mais, disse meu avô. Pobre gente! é uma terrivel situação!

—Correm algum perigo, avô? perguntei eu. Ha por alli rochedos?

—Ha, alli mesmo, um terrivel recife. Já alguns bellos navios se tem alli perdido.

Finalmente, começou raiar a alvorada. Uma claridade indecisa se espalhou por sobre o mar.

Podemos então distinguir, a grande distancia, os mastros de um navio.

—Lá está elle! disse meu avô, apontando na direcção do navio. Está mesmo em cima do cachopo. Já o suppunha!

—Parece-me que o vento vae abrandando, não é verdade? perguntei.

—E' verdade; e tambem o mar está mais bonançoso, rospondeu meu avô: Olha, Alick, vae chamar Jayme.

Jayme Millar desceu apressado para o molhe, trazendo um grande cabo.

—Ora bem, Jayme, disse meu avô. Vamos lá a ver se podemos agora fazer-nos ao mar.

Saltámos para o barco, e lagámos do molhe. Era horrivel o embate das ondas e do vento, e por muito tempo julgámos que não poderiamos abrir caminho. Tanto Millar como meu avô estavam muito fatigados, e Millar parecia prestes a desanimar.

—Coragem, Jayme! exclamou meu avô. Lembra-te daquelles desgraçados que além estão. Vamos a isto.

Fizeram um violento esforço, e afastámo-nos um pouco do molhe. A pouco e pouco nos fomos afastando cada vez mais. E tambem a pouco e pouco ia desppar ecendo á nossa vista a figura da sra. Millar, que ficára na praia, e os mastros do navio, em perigo, pareciam ir crescendo e approximar-se. Comtudo, as vagas eram ainda fortissimas, e ameaçavam, a todos os momentos, engulir o pequeno barco. Millar e meu avô teriam forças para chegar ao navio, que ainda estava a distancia de duas milhas?

—O que é aquillo? perguntei, ao descobrir um vulto negro, erguendo-se e occultando-se entre as vagas.

Naufragio e salvamento

CAPITULO III

O SALVAMENTO

Era um bote o que eu tinha avisado—um bote virado. Um minuto depois, passava elle perto de nós, e tão perto que quasi lhe poderiam os tocar.

—Perderam o bote. Rema com força, Jayme.

—Avô, disse eu; e o vento era tão forte que me era preciso gritar. Avô, julga que o bote traria gente?

—Não, respondeu elle. A minha opinião é que tentaram lançar o bote ao mar, e que o perderam. Mais força, Jayme!

Jayme Millar, que não era dos mais fortes, parecia prestes a desmaiar.

Etavamos então a mais de meio caminho entre a costa e o navio. Pareceu-nos que as pessoas que estavam a bordo nos tinham avistado, porque deitaram ao ar outro foguete. Naturalmente tinham-no guardado, como ultimo recurso, para o caso de alguem passar perto dalli.

A' medida que nos aproximavamos, viamos que era um grande navio, e ao mesmo tempo distinguiamos muitos vultos, movendo-se sobre o convez.

—Pobre gente, pobre gente! exclamou meu avô. Rema, Jayme!

Cada vez nos aproximavamos mais, até que por fim chegámos a ver distinctamente o navio. Tinha batido contra o recife; mergulhára da pôpa, e as vagas varriam-lhe furiosamente o convez. Viamos gente pendurada das enxarcias que ainda restavam, e trepada aos mastros quebrados do navio.

Nunca poderei esquecer aquelle triste espectaculo! Meu avô e Jayme Millar contemplaram-no e redobraram de esforços desesperadamente.

Agora estavamos tão perto do navio que, se não fosse a violencia da tempestade, poderiamos falar para quem estava a bordo. Uma e muitas vezes nos prolongámos com o despedaçado navio, mas eramos impellidos para longe pela impetuosidade das indomitas vagas.

Alguns marinheiros chegaram á amurada do navio e atiraram-nos um cabo. Muito nos custou a agarral-o, mas por fim consegui deitar-lhe a mão e passei-o a meu avô, que immediatamente o amarrou.

—Bem! exclamou elle. Rema firme, Jayme! salvaremos! alguns! e impelliu o bote tanto quanto poude, para junto do navio.

Ai! quão apressado me batia então o coração, vendo homens e mulheres apinhados juntos ao logar em que tinhamos atracado.

—Não podemos receber todos no bote,

disse meu avô com anciedade; não temos remedio senão cortar o cabo, logo que tivermos a bordo os que pudermos levar.

Estremeci ao pensar naquelles que teriam de ficar no navio.

Estavamos agora tão chegados ao navio que quem estava a bordo podia, esperando a occasião, saltar para o nosso bote nos momentos de calma, que se seguiam á passagem de cada grande onda.

—Sentido, Jayme! gritou meu avô; cá está o primeiro.

Um homem se preparava para saltar, tendo nos braços um volume, que parecia um fardo, e quando nos approximámos atirou-nos com elle. Foi meu avô quem o apanhou.

—Olha, Alick, é uma criança! põe-na ahi ao pé de ti.

Colloquei o fardo aos meus pés, emquanto meu avô exclamava.

—Ahi vem outro, rapazes; depressa!

Neste mometo, Jayme Millar segurou-o pelo braço, gritando-lhe ao ouvido: Cautela!

Meu avô voltou-se. Uma alterosa vaga, a mais alta que tinha visto, vinha direita a nós. Mais um segundo, e seriamos arremeçados, pela sua violencia, contra o costado do navio, encontrando alli morte certa.

Meu avô largou immediatamente o cabo, e antes que ella chegasse haviamos passado além do navio.

Ouviu-se então um estrondo, como o ribombo de um trovão, ao quebrar-se a onda contra o recife. Eu mal podia respirar, tão horrorisado estava!

—Vejamos se é possivel salvar mais alguem! exclamou meu avô logo que a onda passou.

Olhámos em torno de nós; o navio tinha desapparecido! Evaporára-se, como um sonho ao acordarmos, como se nunca tivesse existido. Aquella impetuosa onda tinha-lhe quebrado o costado, fazendo-o em estilhaços. Do navio e da tripolação só restavam alguns pedaços de madeira, fluctuando á mercê das vagas.

Meu avô e Millar remaram vigorosamente para o local do naufragio, mas custou-nos muito a chegar lá, porque o mar tinha-nos arremeçado para muito longe, e a tempestade parecia augmentar de violencia.

Quando conseguimos alcançar novamente o terrrivel recife, já era muito tarde para salvarmos mais vidas: não encontrámos nem um dos que estavam a bordo. Era fóra de duvida que o maior numero teria sido levado para o fundo pelo redemoinho que fez o navio ao afundar-se; os outros teriam vindo a cima, mas haviam-se afogados antes de chegarmos.

Naufragio e salvamento

CAPITULO III

O SALVAMENTO

Por algum tempo luctámos com as ondas sem querer perder a esperança de salvar alguns naufragos. Mas, finalmente, vimos que nada tinhamos que fazer alli, e fomos obrigados a retirar.

Todos haviam perecido, excepto a criança que estava deitada a meus pés. Inclinei-me para ella e ouvi que chorava; mas estava de tal modo apertada n'um cobertor, que nem podia vel-a, nem desembrulhal-a.

Tinhamos muito que trabalhar para alcançarmos o pharol. Ainda assim, não era tão difficil o regresso como a ida, porque o vento nos era agora favoravel; mas o mar estava ainda muito bravo e varias vezes corremos o risco de ir a pique. Eu conservava os olhos fixos nas luzes do pharol, e dirigia o bote pelo caminho mais directo. Oh! como davamos graças, por ver aproximaremse aquellas luzes amigas! Afinal avistamos o molhe, e sobre elle a Sra. Millar, que nos seguia com a vista.

—Não salvastes nenhum? perguntou ella, quando saltámos em terra.

—Só esta criança, replicou meu avô

com tristeza ; esta criança, e nada mais. Mas, Jayme, fizemos bem a diligencia.

Millar ia atraz de meu avô, com os remos ao hombro. Eu ia em seguida com o pequeno fardo nos braços.

A criança deixára de chorar, e parecia ter adormecido, tão socegada estava. A Sra. Millar quiz tirar-me-a e desenrolar o cobertor, mas meu avô disse:

—Espere um pouco. E tu, rapaz, leva a criança para casa ; que faz muito frio cá fóra.

Atravessámos o campo, o quintal e o pateo. O cobertor estava muito apertado á roda da criança,excepto na cabeça, onde havia um espaço para lhe deixar respirar ; e, espreitando por esta abertura pude vêr um narizinho e dous olhos fechados.

O fardo era um tanto pesado e muito contente fiquei por a Sra. Millar se offerecer para me ajudar a leval-o. Entrámos na nossa casinha, a Sra. Millar poz a criança sobre os joelhos e desapertou o cobertor.

—Deus te abençoe, disse ella, banhada em lagrimas. E' uma menina!

—E' verdade! exclamou meu avô. E' uma galante rapariguinha!

CAPITULO IV

FELIZES DIAS

Parece-me que nunca vi cara mais bonita do que a daquella criança. Tinha os cabellos louros, as faces rosadas, e uns olhos do mais puro azul.

Accordou quando a estavamos contemplando, e vendo-se entre gente extranha, começou a chorar amargamente.

—Coitadinha! exclamou a Sra. Millar; sente a falta da mãe!

Ma-mã! ma-mã! gritou a pequena, assim que ouviu falar na mãe.

A Sra. Millar, não poude conter-se ao ouvir estas palavras e soluçou e chorou tanto como a criança.

—Então, que é isso, mulher! disse Jayme. Cobra animo! Ainda lhe fazes peior, se continuas assim.

A Sra. Millar, porém, não podia deixar de chorar.

—Imagina se fosse a nossa Lolote!! Oh! Jayme, imagina se fosse a nossa Lolote que estivesse a chorar por mim!

Meu avô tirou-lhe a criança do collo, e sentou-a nos meus joelhos, dizendo:

— Vamos, Sra. Millar dê-nos um bom fogo e alguma cousa que se coma. Temos aqui uma mulher! Esta criança tem frio e fome, e nós estamos quasi nas mesmas circumstancias.

A Sra. Millar, deu algumas voltas pela casa, e tratou de acender o fogo. Depois foi á porta do quarto contiguo, para vêr se os filhinhos, que tinha deixado entregues á rapariga que a servia, estavam acommodados; e voltou trazendo um pedaço de carne fria para o nosso almoço.

Naufragio e salvamento

CAPITULO IV

FELIZES DIAS

Sentei-me num banco, defronte do lume, com a criança sobre os joelhos. A menina parecia ter os seus dous annos, e ser forte e sadia. Já tinha deixado de chorar, e parecia não ter medo de mim; mas quando alguma outra pessoa se chegava para ella, escondia a cara no meu hombro.

A Sra. Millar trouxe-lhe uma tigella com sopa de leite, e a criança consentiu que eu lhe a desse.

Parecia estar muito cançada e ter muito somno, a ponto de mal poder conservar os olhos abertos.

—Pobre pequena! disse meu avô. Naturalmente foram buscal-a á cama para a trazerem para o convez. Porque não vae deital-a?

—Diz bem, respondeu a sra. Millar; vou deital-a na cama de Lolote. Verão como ha de dormir socegada.

Mas a criança agarrou-se a mim e gritou tanto, quando a sra. Millar quiz tomal-a, que meu avô disse:

—E' melhor não levar daqui a pobre orphãsinha. Tomou amisade a Alick; deitem-na aqui mesmo.

A sra. Millar arranjou-lhe uma caminha no sofá, foi buscar uma camisa de dormir de Lolote, despiu-a, lavou-a e fel-a deitar.

A criança estranhava a todos, menos a mim. Parecia ter sympathisado commigo desde o principio; e quando se deitou, estendeu sua mãosinha e disse:

—Mãosinha, mãosinha de Tympey.

—Que diz ella? Deus a abençõe, disse a sra. Millar.

—Quer que eu lhe pegue na mão? respondi. Naturalmente Tympey é o seu nome.

—Nunca ouvi semelhante nome, replicou a sra. Millar. Como se chama a menina? perguntou ella á criança.

Mas os olhinhos azues tinham cedido ao cansaço e adormecêra. Eu conservei a sua mãosinha entre as minhas e fiquei sentado ao pé della, receiando que a acordasse se lhe deixasse a mão.

—Tenho curiosidade de saber quem ella é, dizia a sra. Millar falando comsigo á medida que ia dobrando a roupa da criança. Tem muito boa roupa; é criança tratada com muito mimo.

Meu avô, que estava muito cançado do trabalho que tivera durante a noite, subiu para seu quarto para dormir. Eu fiquei de guarda á criança adormecida; parecia-me que não podia deixal-a sósinha.

Dormia socegada e profundamente.

—Pobre criança, pensava eu; mal sabes o que te aconteceu.

E lagrimas corriam de meus olhos e cahiam sobre a pequènina mão que descançava no travesseiro.

Pouco depois, encostei a cabeça e adormeci. Não dormira na noite anterior e estava completamente extenuado.

Algumas horas depois fui despertado, sentindo que me puxavam pelos cabellos, e ouvi uma voz que me dizia ao ouvido :

—Upa ! upa, menino !

Olhei e vi uma carinha travessa que olhava para mim; a carinha mais alegre e esperta que se póde imaginar.

—Upa ! levanta, menino, faz favor ! tornou ella a dizer com voz meiga.

Ergui a cabeça e logo a criança saltou fóra da cama e veio sentar-se no meu collo.

—Calça a menina, exclamou ella apontando para os seus pésinhos nús.

Calcei-lhe as meias e os sapatos. E chegando então a sra. Millar, encarregou-se de a vestir.

A tarde estava esplendida; a tempestade cessára emquanto dormiamos, e o sol brilhava com todo o seu esplendor.

Fui tratar do jantar; a criança não se apartou de mim, correndo de um lado para outro, na cosinha. Parecia que estava na sua casa, e muito satisfeita.

Meu avô ainda estava a dormir e por isso não fui chamal-o. A sra. Millar veio trazer o mingau que fizera para a menina.

Quiz dar-lhe de comer, como fizera á na vespera á noite, mas a criança oppozse e disse :

—Timpey sabe papar.

E pegando na minha colher começou a comer com tanta graça que eu não podia tirar della os olhos.

—Deus te abençôe, lindinha ! disse a sra. Millar.

—Deus abençôe você ! respondeu a criança.

Evidentemente estas palavras eram-lhe familiares.

—Por certo está acostumada a ouvir a mãe falar deste modo, disse a sra. Millar.

———

Naufragio e salvamento

FELIZES DIAS

Acabado o jantar, a menina deixou-se escorregar do seu banco e correu para o sofá. Encontrou alli o chapéu de meu avô e a minha cinta: pôz o chapéu na cabeça, enrolou a cinta ao pescoço e dirigiu-se para a porta, dizendo:

—Timpey vae passear.

—Vae passear com ella um bocado, Alick, disse a sra. Millar; mas espera, deixa-me ir buscar-lhe a touca de Lolote.

Puzemos-lhe a touca e enrolámol-a num chale, dando Timpey mostras de satisfação e logo sahi com ella.

Oh! como corria, pulava e brincava pelo jardim! Nunca vi criança mais divertida. Ora apanhava pedrinhas, ora colhia malmequeres (*maquês*, dizia ella) ora corria pela rua abaixo, a vêr se eu era capaz de apanhar. Não parava um instante!

Mas, emquanto brincava com ella, olhava de vez em quando pelo mar adiante, para o terrivel recife. O mar não acalmára muito, apezar do vento ter abrandado, e via-se ainda o quebrar das ondas furiosas contra o rochedo.

E eu pensava no que estava alli sepultado, no navio destruido e na mãe daquella criança.

—Oh! se soubesses! disse eu comigo mesmo, vendo-a rir e folgar. E o seu riso fez-me mais vontade de chorar, do que o haviam feito as suas lagrimas.

CAPITULO V

JESUS, PASTOR AMADO

Jayme Millar e meu avô estavam sentados junto ao fogo na pequena casa da vigia do pharol; eu fui sentar-me perto delles, com Timpey no meu collo. Tinha-lhe arranjado um velho livro com estampas e ella ia voltando as folhas e fazendo divertidos commentarios a cada gravura.

—Então, Sandy, disse Millar, o que pretendes fazer da criança?

—O que pretendo fazer d'ella? perguntou meu avô, dando um piparote na gentil cabeça de Timpey: Hei de guardal-a! Queres ficar comnosco, raparigüinha?

—Quero, respondeu a criança, erguendo os olhos para elle e fazendo com a cabeça um signal de assentimento, como se entendesse muito bem do que se tratava.

—Parecia-me que deviamos procurar saber quem são os seus parentes, disse Jayme. Não póde deixar de ter algum, seja lá onde fôr.

—E como havemos de dar com elles? perguntou meu avô.

—Ha de vir a saber-se qual foi o navio que se perdeu, e poderemos escrever aos armadores, que naturalmente saberão quem eram os passageiros.

—Parece-me que tens razão, Jayme; veremos o que elles dizem. Mas a minha opinião é que só quem tomava conta da pequena está no fundo do mar, não é de suppor que haja quem venha reclamal-a de nós.

—Se eu não tivesse já tantos em casa... principiou Millar.

—Deixa estar, meu velho, bem sei isso, disse meu avô, interrompendo-o: já tens um ranchinho. Mas, fique a pequenita comigo e com Alick. E' uma boa companhia para nós; e espero que tua mulher lhe trate da roupinha e de algumas cousas semelhantes.

—Lá nisso não haja duvida, disse Millar. Se visses como ella tem estado a chorar todo o dia, com pena da pequenita!

Meu avô seguiu o conselho de Jayme e na segunda-feira proxima narrou ao capitão do vapor toda a historia do naufragio, pedindo-lhe que lhe trouxesse o nome e a direcção dos armadores do navio naufragado.

Oh! como eu desejava que ninguem viesse reclamar a minha queridinha! Cada dia a amavamos mais e eu sentia partir-se-me o coração com a ideia de me apartar della.

Todas as noites, quando a sra. Millar a despia, a pequena Timpey ajoelhava ao meu lado, vestida com a sua camisa de dormir, para "falarmos com Deus" como ella chamava á oração. Evidentemente aprendêra, com sua mãe, a fazer uma pequena oração, porque logo da primeira vez começou por dizer:

"Jesus, pastor amado".

A principio não percebi o que ella dizia, porque no seu falar infantil alterava a pronuncia das palavras; mas a sra. Millar disse-me que sabia aquelle hymno, que aprendêra em criança, e escreveu-me num papel os primeiros versos. Dalli por diante, todas as noites a criança repetia comigo:

"Jesus, pastor amado,
Juntos eis-nos aqui:
Concede que sejamos
Um corpo só em ti!"

Julgava eu que devia repetir sempre, como ella, a oração que sua mãe lhe havia ensinado. Eu nunca fazia oração, porque meu avô não me tinha ensinado. Custava-me a comprehender que minha mãe me tivesse ensinado, se fosse viva; mas parecia-me que o teria feito.

Naquelle tempo pouco sabia da Bibla. Meu avô não se importava com estas cousas e nunca a lia. Elle possuia uma

Biblia muito grande, mas tinha-a sempre em cima da commoda, como um objecto de ornato, e nunca pessoa alguma a abria, a não ser eu, para vêr as interessantes e velhas gravuras que a ornavam.

Na nossa ilha, os domingos em nada differiam dos outros dias da semana. Meu avô trabalhava no jardim, ou lia o seu jornal, na fórma do costume, e eu saltava pelas rochas, estudava as minhas licções, ou tratava de arranjar a casa, como nos outros dias. Não tinhamos egreja ou capella a que fossemos, e nada havia, emfim, que fizesse distincção deste dia.

Muitas vezes penso naquella terrivel manhã, em que fomos ao navio naufragado, atravez do mar tempestuoso. Se o nosso barco se tivesse voltado, se tivessemos ido para o fundo, o que teria sido das nossas almas? Este pensamento é muito solemne e não tenho palavras com que agradeça a Deus o havernos poupado, a ambos, por mais algum tempo. Meu avô era homem honrado, de bom coração e de bom genio; mas agora sei que essas qualidades não são bastantes para abrirem as portas do céo. Jesus é o unico caminho que alli conduz e meu avô pouco sabia a seu respeito e pouco se emportava com *Elle*.

A pequena Timpey tornou-se inseparavel de mim, dentro e fóra de casa. Era mais esquiva com os filhos de Millar, porque eram barulhentos e grosseiros nos brinquedos, de sorte que se agarrava a mim e nunca queria largar-me. De dia para dia foi aprendendo novas palavras e sahia-se com taes ditos de sua cabeça que muito nos fazia rir. O seu maior prazer era pegar num livro e apontar as differentes lettras do alphabeto, que conhecia perfeitamente, posto que mal soubesse falar.

Coitadinha! ainda me parece estar vendo-a, sentada a meus pés, num grande rochedo plano, á beira-mar, pedindo-me, a cada instante, que olhasse para o A, para o B, para o D, ou para o S. Assim com as suas graças, foi-se apoderando dos nossos corações, a ponto de receiarmos receber a resposta da carta que meu avô tinha escripto aos armadores do *Victoria*, que assim nos constava chamar-se o navio naufragado.

Foi um dia de muita chuva a segunda-feira em que chegou a resposta. Eu tinha ido esperar no molhe, que estava encharcado quando o vapor atracou. O capitão entregou-me logo a carta, e eu deitei a correr para a levar a meu avô. Não pude esperar que as nossas provisões e mais encommendas fossem desembarcadas.

Naufragio e salvamento

CAPITULO V

JESUS, PASTOR AMADO

A pequena Tympey estava sentada num banco ao pé de meu avô, enrolando a um dedo um pedaço de fita. Logo que me avistou correu ao meu encontro e offereceu-me a face para que a beijasse.

Que seria de mim, se aquella carta dissesse que ella havia de partir na volta do vapor! Dei um profundo suspiro na occasião em que meu avô a abriu.

Era uma carta muito amavel, em que os armadores do navio nos agradeciam tudo quanto fizeramos para salvar os desditosos tripolantes e passageiros, e participavam que nada sabiam da criança nem dos seus parentes, porque nem um dos passageiros se inscrevera com o appellido de Villiers, nem havia a bordo tripolante algum que o usasse. Accrescentavam, porém, que procurariam mais esclarecimentos em Calcuttá, porto de que o navio procedia.

Entretanto, pediam a meu avô que se incumbisse da criança, promettendo-lhe que seria bem recompensado pelo seu trabalho.

—Muito bem, exclamei eu ao findar a leitura da carta; o que é certo, é que ella não se vae já embora!

—Não, disse meu avô; ainda não nos separamos da pobre pequenita. E emquanto a recompensa, nem falar nisso, Alick. Estou bem recompensado com isto.

E ao mesmo tempo erguia a criancinha, para que lhe beijasse a fronte enrugada.

CAPITULO VI

A VISITA DE DOUS SENHORES

Na segunda-feira seguinte, Tympey foi commigo para o molhe, esperar a chegada do vapor.

O capitão mandou chamar-me, logo que o vapor atracou, para dizer-me que estavam alli dous sujeitos que desejavam falar com meu avô.

Apertei com força a mão de Timpey entre as minhas, porque logo me persuadi de que vinham buscal-a.

Dois ou tres minutos depois, desembarcavam os dois sujeitos. Um delles era homem de meia edade, e bem parecido. Disse-me que procurava o sr. Alexandre Fergusson e pediu-me que lhe ensinasse o caminho para sua casa.

—Sim, senhor, respondi eu. O sr. Fergusson é meu avô.

E dirigimo-nos para a torre do pharol, Tympey e eu na frente para mostrarmos o caminho, e os dois sujeitos atraz de nós. O outro cavalheiro era já velho, tinha os cabellos brancos, usava oculos e tinha um ar muito agradavel.

Tympey não podia ir muito depressa; ia correndo de um para outro lado, colhendo flores e apanhando pedrinhas, de modo que a tomei nos braços e leveia-a ao collo.

—Essa menina é sua irmã? perguntou o sugeito mais velho.

—Não, senhor, respondi eu; esta é a criança que estava a bordo do *Victoria*.

—Devéras! exclamaram os dois sugeitos ao mesmo tempo.

—Deixem-me olhar bem para ella, disse o mais idoso arranjando os oculos.

Mas Tympey, assustada, agarrou-se a mim e começou a chorar.

—Não tenha medo, disse o ancião com bondade; logo havemos de ficar amigos.

Tinhamos chegado á casa. O sugeito de meia idade disse chamar-se Foster e ser um dos armadores do navio naufragado, e que viera com o sr. Davis, seu sogro, para colherem todos os pormenores que meu avô pudesse dar em relação ao naufragio.

Meu avô convidou-os a sentarem-se, e disse-me que lhes fosse preparar o almoço.

Falaram muito ácerca da pequena Tympey, e eu appliquei o ouvido, á medida que punha na mesa as chicaras e os pires. Nada sabiam a respeito de seus parentes, e disseram que era notavel que não se encontrasse o appellido de Villiers na lista dos passageiros que vinham a bordo. Offereceram-se para a levarem comsigo, até ver se apparecia algum parente, mas meu avô pediu que lhe a deixassem; no que consentiram, por ver quão feliz e bem tratada era a criança.

Naufragio e salvamento

CAPITULO VI

A VISITA DE DOUS SENHORES

Depois do almoço, tendo o sr. Foster mostrado desejos de ir visitar o pharol, meu avô subiu com elle ao alto da torre e mostrou-lhe tudo quanto alli havia para se vêr.

O sr. Davis estava fatigado, pelo que se deixou ficar commigo e com a pequena Timpey.

—E' bem solida esta casa, meu rapaz? disse elle logo que ficamos sós.

—E' sim, senhor, repliquei eu; nem podia deixar de ser, porque o vento aqui é terrivel muitas vezes.

—Sobre o que assenta a construcção? perguntou o ancião batendo no chão com a ponta da bengalla.

—E' tudo rocha, e rocha massiça, respondi-lhe; tanto a nossa casa como a torre do pharol estão edificadas sobre a rocha: nem de outro modo resistiriam aos temporaes.

—E tu, meu rapaz, tambem estás sobre a rocha? disse-me o sr. Davis fitando em mim o seu olhar atravez dos oculos.

—O que diz o senhor? perguntei eu por me parecer que não tinha comprehendido.

—Pergunto se tu tambem estás sobre a rocha.

—Sobre a rocha? percebo, respondi eu julgando que elle não comprehendêra o que eu dissera. Todos estes edificios assentam sobre a rocha, para poderem resistir ao vento e ao mar.

—Mas tu, insistiu o ancião; tu tambem está sobre a rocha?

—Declaro que não entendo a sua pergunta, respondi.

—Não tem duvida. Perguntarei isso a teu avô.

Assentei-me a pensar no que elle quereria dizer, e quasi supponho que elle tivesse endoidecido.

Quando meu avô appareceu, fez-lhe o sr. Davis a mesma pergunta, a que elle deu resposta identica á minha, isto é, assegurando-lhe que a torre do pha-

rol e os annexos estavam construidos sobre a rocha massiça.

—E v. mcê? perguntou o sr. Davis, ha quanto tempo está sobre a rocha?

—Eu? disse meu avô; supponho que pergunta ha quanto tempo vivo aqui: ha de fazer quarenta annos que vivo sobre esta rocha.

—E que tempo espera viver mais aqui? perguntou o ancião.

—Isso é que eu não posso saber, respondeu meu avô. Naturalmente ficarei por aqui emquanto tiver vida. E cá está o meu neto para me substituir.

—E para onde espera ir quando deixar esta ilha? perguntou o sr. Davis.

—Não tenciono sahir daqui emquanto viver, respondeu meu avô.

—E depois; para onde tenciona ir viver depois?

—Isso não sei dizer-lhe. Supponho que irei para o céo. Mas ainda não ha de ser por hora, disse meu avô como quem não gostava já da feição que ia tomando a conversa.

—Agora desejava fazer-lhe outra pergunta, disse o sr. Davis. Quer ter a bondade de dizer-me porque é que julga que irá para o céo? Não leva a mal que eu lhe faça estas perguntas, não é verdade?

—Ora essa! de modo algum. O motivo porque espero ir para o céo é porque nunca fiz mal a ninguem e porque Deus é muito misericordioso. Não me resta, portanto, duvida alguma de que hei de ser dos que se salvam.

—Ora, meu bom amigo, replicou o ancião; julguei que ia dizer-me que a razão da sua confiança era por estar sobre a rocha. Mas não está, por certo; está sobre a areia.

E ia dizer mais alguma cousa. Porém naquelle momento chegou o capitão do vapor a avisal-os de que o vapor estava prompto a largar e pedir-lhes que tivessem a bondade de embarcar immediatamente, pois já era muito tarde.

Os dois cavalheiros levantaram-se e dispozeram-se a descer á praia, para tomar os seus logares a bordo.

Mas, ao despedir-se, o sr. Davis disse a meu avô, affectuosamente:

—Meu amigo, o senhor está edificado sobre a areia; e se vae por esse caminho, não poderá resistir á tempestade.

E não teve tempo para dizer-lhe mais nada, porque o marinheiro instava com elles para que embarcassem.

Segui-os até o caes e fiquei alli para ver os preparativos da partida do vapor.

Houve ainda uma pequena demora, depois dos dous cavalheiros terem embarcado. Vi o sr. Davis, sentado á popa, tirar a carteira do bolso e escrever algumas palavras. Depois rasgou a folha e deu a marinheiro, que veio trazer-

me-a ao caes. Momentos depois largava o vapor.

CAPITULO VII

O NEVOEIRO

Aquelle pedaço de papel que recebi, ainda o conservo como um dos maiores thesouros. Poucas palavras alli estavam escriptas; apenas duas linhas de um hymno :

"Em Christo, rocha solida, confio ;
O mais é tudo arreia movediça."

Voltei vagarosamente para casa, entregue aos meus pensamentos.

Meu avô tinha sahido com o sr. Millar; por isso não pude mostrar-lhe o papel, mas li-o muitas vezes, ao passo que brincava com Timpey, e estava muito admirado do sentido daquellas palavras.

O poder de Deus

O celebre escriptor e viajante Vohney, não cria na Biblia; mas visitando as ruinas de Jerusalém, Jericó, Sarepta, Bethsaida e outras cidades de que fala a Escriptura, exclama :

—Grande Deus ! de onde provieram tão funestas revoluções? Porque o destino destas regiões permittiu uma tão triste mudança? Para que a destruição de tantas cidades ? Porque não se reproduziram e multiplicaram suas populações ? A que se reduziram aquelles tempos de abundancia e de vida ?

A sabedoria humana não póde dar resposta satisfatoria a taes perguntas; o christão, porém, baseado na palavra dAquelle que é a verdade, dizia a Vohney :

—E' porque elles desprezaram a alliança de Deus, transgrediram as suas leis, mudaram o seu direito. E' por isso que essas cidades ficaram infeccionadas e suas habitações desertas e amaldiçoadas. Isaias XXIV, 1 a 6.

Naufragio e salvamento

CAPITULO VII

O NEVOEIRO

De tarde, era costume sentarem-se, meu avô e Jayme Millar, junto do fogão, no quarto da vigia; eu ia para lá com Timpey, até serem horas della ir para cama.

Timpey gostava muito de ir trepando pelos degraus de pedra da escada do pharol. Punha-se a gritar "Upa, upa, upa!" á medida que ia subindo, até chegar ao ultimo degráu; depois deitava a correr pela casa da vigia, dando grandes gargalhadas de alegria.

Quando chegámos lá acima naquella tarde encontrámos meu avô e Jayme conversando ácerca da visita dos dois sujeitos.

—Não pude entender o que elle queria dizer quando se referia á rocha, dizia meu avô.

—Cá pela minha parte tambem não atino, e tu, meu rapaz?

—Tome lá, avô, disse eu entregando-lhe o pedaço de papel.

E contei-lhe como elle me chegára ás mãos.

—Ora essa! exclamou meu avô. Então elle deu-te isso?

E leu em voz alta:

"Em Christo, Rocha solida, confio;
O mais é tudo areia movediça."

—Que quererá elle dizer com isto, Jayme? Repetiu-me umas poucas de vezes "Está sobre a areia, meu amigo; está sobre a areia e não poderá resistir á tempestade." Que entendes tu por isto, Jayme? Não o ouviste dizer estas palavras?

—Ouvi, respondeu Jayme pensativo, ouvi e deram-me bastante pensar. Sei muito bem o que elle queria dizer.

—Então o que era?

—Queria dizer que ninguem alcança o céo senão indo a Christo, e que ninguem póde alcançal-o de outro modo. Exactamente o que dizem estas linhas:

"Em Christo, Rocha solida, confio;
O mais é tudo areia movediça."

—Queres então persuadir-me, disse meu avô, de que não irei para o céo, ainda que me porte o melhor possivel?

—Não, não digo tal cousa. O que digo é que ha só um caminho para lá chegar; sei isso perfeitamente.

—Que dizes, Jayme! disse meu avô. Nunca te ouvi falar em tal, é hoje a primeira vez.

—E' verdade, disse Jayme; tenho esquecido tudo desde que vim para esta ilha. Eu tive uma boa mãe; devia ter sido melhor do que tenho sido.

Não disse mais cousa alguma e ficou muito pensativo durante o resto da tarde.

Meu avô leu o seu jornal em voz alta, falou em assumptos diversos, mas os pensamentos de Jayme Millar pareciam estar muito longe.

No dia seguinte pertencia-lhe ir á terra firme.

Meu avô e Jayme gosavam o seu dia de licença alternadamente, na ultima sexta-feira de cada mez, occasião unica em que lhes era permittido sahir da ilha.

Quando tocava a vez a meu avô, ia eu geralmente com elle e ficava muito satisfeito se apanhava algum troco. Mas, fosse qual fosse, era sempre dia de festa na ilha, porque se compravam algumas miudezas necessarias para as nossas casas ou para os nossos jardins, e tratava-se de alguns negocios na terra firme.

Fomos todos ao caes, para ver embarcar Jayme, e quando eu estava ajudando-o a levar para bordo uns saccos vasios e outros objectos que elle devia levar comsigo, disse-me em voz baixa:

—Olha, Alick, conserve aquelle pedaço de papel; é uma grande verdade o que aquelle sujeito escreveu. Tenho estado a pensar nisso constantemente, desde então e creio que estou agora sobre a Rocha.

Nada mais disse. Poz os remos nos toletes, e momentos depois largava do molhe.

A' medida que se afastava, eu ouvia-o cantar, em voz baixa, na cadencia dos remos:

"Em Christo. Rocha solida, confio;
O mais é tudo areia movediça."

Estivemos a olhar para o barco até se perder de vista, e voltamos para casa anciosos porque chegasse a tarde, para ver voltar Jayme, com as cousas que lhe haviamos encommendado.

Esteve um dia muito triste. Um espesso nevoeiro desceu sobre o mar, e

de modo que não incommodassem a mãe.

Só um dia estivemos eu e meu avô ausentes do pharol, por algumas horas; um dia bem triste; foi aquelle em que tivemos de acompanhar o pobre Jayme á sepultura. A pobre viuva não dava accordo de si, nem tinha consciencia do que se passava.

Naufragio e salvamento

CAPITULO VII

O NEVOEIRO

—Não tarda ahi um instante, respondi eu. Verá que chega antes de termos acabado de tomar chá. Estou ancioso por ver a enxada que lhe encommendámos.

Acabavamos de tomar chá, quando de repente sentimos abrir-se a porta. Esperavamos ver entrar Jayme com as nossas compras. Não era, porém, Jayme quem entrara: era sua mulher.

—Faz favor de me dizer que horas são? Parou o meu relogio.

—Seis e vinte minutos, respondeu meu avô olhando para o seu relogio.

—Seis e vinte! Jayme demora-se tanto!

—E' verdade, disse meu avô. Deixeme chegar lá em baixo, ao caes, a ver se o avisto.

Pouco depois estava de volta, dizendo que era impossivel ver o mar; o nevoeiro era tão espesso que até havia perigo em andar pelo caes.

—Mas elle pouco póde demorar-se, porque tem de estar de volta até ás sete.

Era a esta hora que os pharoleiros deviam se recolher, quando iam com licença.

Os ponteiros do relogio continuaram a girar, e Jayme Millar sem apparecer. Sua mulher ia de vez em quando á porta, com o filhinho ao collo, a ver se o avistava a atravessar o jardim. Mas, nada de novo.

Afinal, deu sete horas.

—Nunca aconteceu uma cousa assim! disse meu avô levantando-se para ir ainda uma vez até o molhe.

CAPITULO VIII

A ESPERA DO BOTE

A sra. Millar sahiu de casa e desceu com meu avô até o molhe. Eu fiquei com a pequena Tympey, applicando o ouvido, á espera de lhes sentir os passos, quando voltassem.

Deu sete horas e meia, mas nenhum som se ouvia. Não pude esperar mais tempo; enrolei a pequenita num chale, levei-a para casa da sra. Millar e deixei-a entregue á creada. Depois deitei a correr atravez do denso nevoeiro, até o molhe.

Lá estava meu avô com a Sra. Millar. Quando cheguei junto delles dizia-lhe meu avô:

—Esteja descançada, não se assuste. Seu marido está esperando, naturalmente, que passe o nevoeiro. Vá para casa, que eu lá irei dar-lhe parte assim que avistar o barco. Veja, que está toda molhada; póde fazer-lhe mal e apanhar alguma constipação.

O vestido de chita da sra. Millar estava todo molhado pela humidade que havia na atmosphera. A pobre mulher tremia como varas verdes e estava branca como uma folha de papel. A principio não se resolveu a deixar o molhe; mas como foi esfriando a noite, accedeu á vontade de meu avô, que lhe prometteu mandar-lhe aviso, por mim, ao pharol, logo que Jayme apparecesse.

Quando ella se retirou, meu avô disse-me:

—Alick, estou vendo que aconteceu alguma cousa a Jayme. Não quiz affligir aquella pobre alma. Se tivessemos por aqui um barco, ia per ahi fóra ver se o encontrava.

Puzemo-nos a passeiar pelo molhe, parando de vez em quando, para ver se ouviamos ao longe o rumor dos remos, porque não podiamos avistar o barco, senão quando estivesse muito perto de nós, tão cerrado se tornára o nevoeiro.

—Ora esta! dizia meu avô de quando em quando. Aquelle homem sem apparecer!

Os meus pensamentos remontaram á linda manhã de sol; parecia-me estar vendo Jayme Millar partindo, e ouvil-o cantar os versos do hymno:

Em Christo, Rocha solida confio,
O mais é tudo areia movediça."

O tempo ia correndo. Não voltaria Jayme? Estavamos cada vez mais anciosos. A creada da sra. Millar veio correndo perguntar-nos, da parte de sua ama, se havia alguma novidade.

—Nada, por emquanto, menina; mas não póde tardar ahi.

—A senhora está tão afflicta! disse a rapariga. Parece-me que se constipou; está toda a tremer e em grande anciedade.

—Pobre alma! mas talvez seja melhor assim.

—Que quer dizer, avô? perguntei eu.

—E' que se aconteceu alguma desgraça, não a encontra desprevenida; e se pelo contrario Jayme está de perfeita saude, maior será a sua alegria ao vel-o.

A rapariga voltou para casa e nós ainda ficamos no molhe.

—Avô, disse eu passado algum tempo, parece que sinto remar.

———

Naufragio e salvamento

CAPITULO VIII

A ESPERA DO BOTE

A noite estava muito serena. Levantamo-nos e applicamos o ouvido. A principio meu avô dizia que não ouvia cousa alguma; mas, por fim, distinguiu, como eu, o bater compassado dos remos, a grande distancia.

—Tens razão; é um barco, disse meu avô.

Dei-me pressa em correr na direcção do pharol, para avisar a sra. Millar; mas meu avô deteve-me pondo-me a mão no hombro.

—Espera um pouco, Alick; vejamos primeiro o que é; talvez não seja elle.

—Em todo o caso, dirige-se para cá; cada vez o ouço melhor.

—Sim, vem para aqui, disse meu avô sem tirar a mão de cima do meu hombro.

O barco vinha ainda muito longe, quando o houviramos pela primeira vez; pois haviam decorrido muitos minutos antes que o som dos remos se tornasse mais distincto.

Foi-se approximando pouco a pouco. Evidentemente o barco dirigia-se para a ilha.

Por fim, estava já tão perto, que meu avô gritou:

—Olá, Jayme! Muito tardaste, meu rapaz!

—Olá! respondeu uma voz vinda do barco.

Mas não era voz de Jayme.

—Porque lado se atraca? disse ainda a mesma voz Está o tempo tão cerrado, que não se vê cousa alguma.

—Jayme não vem no barco? perguntei eu a meu avô.

—Não, respondeu este. Bem me queria parecer que lhe tinha acontecido alguma desgraça.

Indicou ao homem do barco a direcção em que devia remar e depois descemos ambos as escadas do cáes e esperamos que o barco atracasse.

Havia quatro homens a bordo; eram marinheiros e todos desconhecidos.

Um delles, aquelle cuja voz ouviramos, veio falar com meu avô.

—Alguma noticia má? perguntou meu avô antes que elle principiasse. Aconteceu alguma desgraça ao pobre rapa?

—Exactamente, respondeu o marinheiro, e por isso mesmo viemos trazel-o aqui.

E ao mesmo tempo que dizia estas palavras, apontava para o barco.

Passou por mim um estremecimento de horror, ao ouvir estas palavras, e vi um vulto deitado, aos pés dos homens, no barco.

—Então o que aconteceu? Foi algum desastre? está muito ferido?

—Está morto, disse o homem solemnemente.

—Que desgraça! exclamou meu avô com a voz suffocada. Como havemos de dar essa noticia á sua mulher?

—Como foi que isso aconteceu? perguntei eu logo que pude falar.

—Ia a metter no barco um sacco de farinha; mas, como o nevoeiro estava muito cerrado, poz um pé em falso na prancha e cahiu ao mar. Eis o que succedeu.

—E' verdade, accrescentou outro marinheiro, e por infelicidade nem elle sabia nadar, nem havia alli perto bote algum que pudesse soccorrel-o. Um dos nossos companheiros viu-o cahir, mas antes que tivesse tempo para nos chamar, já tudo estava acabado. Conseguimos tiral-o para fóra dagua, mas já era muito tarde. Fomos chamar o medico, levamos o desgraçado para uma casa proxima, applicamos-lhe fricções, fizemos tudo quanto nos foi possivel, mas sem resultado algum. Quer que vamos buscar o corpo?

—Esperem um pouco, disse meu avô. E' preciso prevenir primeiro aquella pobre mulher. Qual dos senhores quer encarregar-se de lhe levar a noticia?

Os marinheiros olharam uns para os outros, sem respoder.

Por fim, um delles, que conhecia um tanto meu avô, disse:

—Era melhor dizer-lhe o senhor, porque ella conhece-o e custar-lhe-ha menos a ouvir da sua bocca, do que da de um estranho. Nós ficaremos aqui á espera que volte, e depois levaremos o corpo para casa.

—Bem, disse meu avô com um suspiro; irei eu. Vem commigo, Alick; mas não, talvez seja melhor ir eu só.

E dirigiu-se lentamente para o pharol.

Fiquei com os quatro homens na praia e com o vulto silencioso que jazia estendido no fundo do barco.

Eu estava muito assustado; parecia-me ser o joguete de um sonho terrivel, e que queria acordar para me ver livre do pesadelo.

Naufragio e salvamento

CAPITULO IX

COMO SE MUDAM AS COUSAS

Decorreu muito tempo antes que meu avô voltasse. Quando regressou, apenas proferiu estas palavras em voz baixa:

—Pódem trazel-o agora, rapazes. Já sabe tudo.

E logo o silencioso e triste cortejo se poz a caminho em marcha, atravez do campo, do jardim e do pateo, em direcção á casa de Millar. Eu e meu avô iamos atraz de todos.

Nunca hei de esquecer aquella noite, nem as impressões solemnes e estranhas que me deixou.

A sra. Millar ficou muito doente; o choque fôra demasiado forte para ella.

Os homens do barco voltaram a buscar um medico, que veio, e logo mandou-os procurar um enfermeira. Segundo disse, temia que lhe sobreviesse alguma febre cerebral, e declarou que a vida da doente corria risco.

Eu e meu avô passamos a noite em casa da sra. Millar, porque a enfermeira só podia chegar no dia seguinte.

As seis crianças estavam dormindo nas suas camas. Fui vel-as, para me certificar de que a minha querida Tympei estava bem; encontrei-a a dormir na cama de Lolote, com as mãos enlaçadas.

Chegaram-me as lagrimas aos olhos, ao pensar que ambas tinham já perdido o pae, sem que nenhuma dellas tivesse a menor noção desse acontecimento.

Logo que a enfermeira chegou, eu e meu avô voltamos para a nossa casa. Mas não pudemos conciliar o somno; accendemos fogo na cosinha e sentamo-nos junto delle, por muito tempo em silencio.

—Alick, meu rapaz, disse por fim meu avô; tenho estado a pensar numa cousa, em que ha muito não pensava. O que aconteceu a Jayme, podia muito bem ter acontecido a mim.

Colloquei a minha mão entre as delle e apertei-lhe-as com força.

—Sim, repetiu meu avô, e se tivesse sido commigo, nem eu quero pensar aonde poderia estar a esta hora.

Conservei-me silencioso. Meu avô continuou:

—Aonde estará agora o pobre Jayme? Tenho estado a pensar nisto toda a noite, desde que o vi estendido no fundo do barco.

Contei-lhe então o que Jayme Millar me dissera na ultima vez que nos tinhamos visto.

—Sobre a rocha! exclamou meu avô. Elle disse que estava sobre a rocha? Ai de mim! Quem déra que eu pudesse dizer outro tanto!

—Então não podemos fazer o mesmo que elle, avô? Não podemos edificar tambem sobre a rocha?

—Era bem bom que pudessemos, respondeu meu avô. Começo a comprehender o que elle queria dizer por essas palavras, e o que queria dizer aquelle sujeito que outro dia cá esteve. Recordas-te delle ter dito: "Olhe, amigo, que estás sobre a areia, e sobre a areia não se póde resistir á tempestade." Estas palavras não me sahiram dos ouvidos durante todo tempo que estivemos lá em cima, em casa da sra. Millar. Mas por infelicidade não sei como hei de chegar á rocha.

Durante o resto da semana, a pobre viuva esteve entre a vida e a morte. A principio, o medico não lhe dava esperança de vida, mas depois foi melhorando pouco a pouco, e o doutor começou a animar-nos.

Eu passava os dias com as crianças e não me apartava dellas senão por instantes, fazendo toda a diligencia para que estivessem socegadas e contentes,

de modo que não incommodassem a mãe.

Só um dia estivemos eu e meu avô ausentes do pharol, por algumas horas; um dia bem triste; foi aquelle em que tivemos de acompanhar o pobre Jayme á sepultura. A pobre viuva não dava accordo de si, nem tinha consciencia do que se passava.

Naufragio e salvamento

CAPITULO IX

COMO SE MUDAM AS COUSAS

Quando, passadas algumas semanas, a febre a largou, a pobre senhora estava muito abatida e incapaz de trabalhar. Mas tinha muito que fazer e não podia descançar, porque já tinha sido nomeado outro homem para substituir o marido, e havia de tomar posse da casa no principio do mez.

Foi para nós um dia de tristeza e afflicção aquelle em que os Millars nos deixaram. Fomos acompanhal-os ao molhe e vimol-os a bordo do vapor: a sra. Millar, as seis creanças e a creada, todos vestidos de lucto, todos a chorar. Iam para a casa da familia da viuva, lá muito para o norte da Escocia, aonde viviam os paes della.

A ilha parecia-nos desolada e solitaria depois da partida da familia do inditoso Jayme.

Se não fosse a florzinha que tinhamos comnosco (como meu avô lhe chamava) não sei o que teria sido de nós. Cada dia a amavamos mais, e o que receiavamos mais, era que chegasse uma carta, dizendo que tinhamos de nos separar della.

—Quem nos havia de dizer, Alick, dizia muitas vezes meu avô, naquella noite de tempestade, o thesouro que nos estava reservado naquelle fardo que trouxemos do navio!

A creança crescia a olhos vistos: dava-se bem com o ar fresco do mar, e de dia a dia se tornava mais intelligente e mais bonita.

Nós estavamos com curiosidade de saber quem era o substituto de Jayme Millar; mas nem tinhamos meio de lhe saber o nome.

O capitão do vapor dizia que nada sabia a tal respeito, e um sujeito que veiu, uma ou duas vezes, ver se a casa estava em ordem e preparal-a para a chegada do novo locatario, nem palavra nos disse ácerca d'elle, parecendo achar impertinentes as perguntas que lhe fizemos. E' evidente que a nossa commodidade dependia muito do que estava para ser nosso visinho, porque elle e meu avô haviam de estar juntos constantemente e não teriamos mais ninguem com quem falar.

Meu avô estava ancioso pela chegada do novo visinho, e preparava-se para o receber do melhor modo possivel. Por isso, logo que a familia Millar se ausentou da ilha, começámos a cavar o abandonado quintal da casa do lado e a arranjal-o, para que fosse agradavel aos novos possuidores.

—Quantas pessoas serão? perguntei eu uma vez que andavamos a trabalhar no quintal.

—Talvez seja um homem só, respon-

deu meu avô. Quando eu vim para cá tambem era solteiro. Mas não tardará muito que o não saibamos. Ouvi dizer que chega segunda-feira de manhã.

—Admira que não tenha apparecido por ahi, ao menos para ver a casa. Que idéa fará elle de tudo isto?

—Nos primeiros dias ha de estranhar, disse meu avô, mas havemos de nos esmerar em recebel-o bem. Havemos de ter o almoço prompto para elle, e para a mulher e filhos, se os tiver—café bem quente, bolachas, um bocado de carne, e o mais que te parecer; tu verás como hão de ficar alegres e satisfeitos.

E continuámos os nossos preparativos, anciosos pela chegada do vapor na segunda-feira de manhã.

CAPITULO X

O VISINHO NOVO

Chegou o dia de segunda-feira; e mal ia elle a romper, já nos estavamos no molhe, segundo o costume á espera do vapor.

Estavamos realmente anciosos por ver os nossos visinhos novos. Na casinha tinhamos um bello almoço para quatro ou cinco pessoas, e eu tinha apanhado um grande ramo de dalias do jardim, para tornar a meza mais alegre e mais vistosa. Tudo estava prompto, e finalmente chegou o vapor. Quando se approximava do molhe, vimos um homem de pé sobre o tombadilho, conversando com o capitão, e logo nos persuadimos que era o novo pharoleiro.

—Não vejo mulher alguma, disse o meu avô.

—Nem crianças, disse eu levantando a pequena Timpey a toda a altura de meus braços, para que pudesse ver o vapor.

O vapor atracou ao caes, e descemos os degraus, para irmos ao encontro do capitão e do desconhecido.

—Aqui tem o seu novo visinho, disse o capitão a meu avô. Quer encarregar-se de lhe ensinar o caminho da casa, emquanto vou tratar do desembarque das encommendas?

—Seja muito bem vindo a esta ilha, disse meu avô, apertando a mão do recemchegado, que era um homem alto e muito forte, queimado pelo sol e pelo tempo.

—Muito obrigado, disse o homem, sem despregar os olhos de mim. E' sempre agradavel uma boa recepção.

—Este rapaz é meu neto Alick, disse meu avô pondo-me a mão sobre o hombro.

—Seu neto, repetiu o homem, olhando seriamente para mim; com que, é este o seu neto!

—E agora venha dahi, disse meu avô, para ver se come alguma cousa. Temos lá em cima uma chavena de café á sua espera.

Naufragio e salvamento

CAPITULO X

O VISINHO NOVO

—E' muita bondade da sua parte, disse o desconhecido.

Fomos seguindo em direcção á casa e notamos que o homem era de pouco falar. Quiz me parecer que uma vez eu lhe vi lagrimas nos olhos, mas talvez eu me tivesse enganado.

Que razões podia elle ter para chorar? Longe estava eu de pensar o que lhe ia no espirito.

—Queira dizer-nos o seu nome, disse meu avô voltando-se subitamente para elle. Ainda não temos o gosto de o saber.

O homem não respondeu, e meu avô olhou para elle admirado.

—Então o senhor não tem nome? ou tem alguma duvida em dizer como se chama?

—Oh! meu pae! exclamou o recemchegado lançando-se ao pescoço de meu avô. Então já não conhece o seu filho?

—Que! és tu, meu David? Alick, olha, Alick, é teu pae! é realmente elle!

E meu avô desatou a chorar e a soluçar como uma criança, amparando-se com uma das mãos ao braço de meu pae, e com a outra ao meu hombro.

—Não quiz que ninguem lhe o dissesse, e fiz com que me promettessem que não lhe o diriam antes de eu lhe dar a noticia. Soube da morte de Jayme Millar ao chegar á Inglaterra, e requeri immediatamente o seu logar. Allegue que era seu filho, e logo que souberam aonde eu tinha passado os ultimos annos, não puzeram a menor duvida em me concederem o emprego.

—Então onde tens tu estado, David, que nunca nos escreveste duas linhas?

—Isso é uma historia muito comprida, respondeu meu pae. Vamos para casa e lá lhe contarei tudo.

Continuamos a andar e meu pae sempre olhando para mim.

—E' muito parecido com ELLA, pae, disse elle com voz rouca.

Percebi que se referia á minha mãe.

—Soubeste então o que aconteceu á pobre Alice?

—Soube, de uma maneira muito notavel. Encontrei, casualmente, a bordo do navio em que regressei á Inglaterra, um homem destes sitios que tudo me contou. Pareceu-me que se me partia o coração, quando ouvi que ella tinha morrido. O meu pensamento domi-

nante era: o quanto ella ficaria contente ao tornar a ver-me.

Meu avô contou-lhe minuciosamente toda a historia de minha pobre mãe. As saudades que delle tinha; e como, tendo ido, semana por semana, e mez por mez, esperar noticias delle, fôra gradualmente enfraquecendo.

Contou-lhe estas e mil outras particularidades, e de cada vez que meu avô se interrompia, meu pae exigia novas explicações, de maneira que só á noite, quando estavamos sentados junto do fogão, na casa da vigia, é que meu pae teve occasião de começar a contar a sua historia.

Naufragára nas costas da China; o navio fizera-se em pedaços á pequena distancia da costa, mas elle e mais tres companheiros tinham conseguido chegar á terra, salvos.

Assim que puzeram o pé na praia, foram rodeados por uma multidão de chinezes, que não lhes mostravam caras muito amigaveis.

Foram presos e conduzidos á presença de um personagem que parecia ser o governador daquelle districto.

Este personagem fez-lhes muitas perguntas, ás quaes não puderam responder, por não entenderem a lingua que elle falava.

Passaram alguns dias, durante os quaes meu pae e os seus companheiros ignoravam qual seria a sorte que os esperava, porque os chinezes naquelle tempo consideravam grande offensa o desembarque de qualquer estrangeiro nas suas praias.

Comtudo, um bello dia foram buscal-os á casa de madeira, na qual os haviam encerrado, e levaram-n'os numa longa jornada a umas cem milhas para o interior do paiz.

Foi alli que meu pobre pae passou todos aquelles annos, durante os quaes o tinhamos julgado morto. Não foi maltratado, e ensinou áquelle povo semi-barbaro muitas cousas que elle ignorava, e que tinha satisfação em aprender. Porém era cuidadosamente vigiado de dia e de noite, para que não pudesse evadir-se; de modo que nunca teve occasião de fugir daquelles logares.

Naufragio e salvamento

CAPITULO X

O VISINHO NOVO

Não havendo correios nem telegraphos naquellas paragens tão remotas, estava meu pae completamente afastado do mundo. Do que se passava na nossa terra, na casa de nossa familia, estava elle tão distante como se estivesse na lua.

Decorreram onze compridos e tristes annos, quando numa bella manhã lhes vieram dizer que iam ser transportados para a beira mar, onde os esperava um navio, que havia de leval-os para Inglaterra.

Contaram então a meu pae que tinha havido uma guerra e que uma das condições de paz era a entrega de todos os estrangeiros que tinha em seu poder aos paizes a que pertenciam.

—Bem, meu David, disse meu avô quando elle terminou a sua singular historia; visto isso, é como se tivesses resuscitado dos mortos, este teu regresso á antiga casa!

CAPITULO XI

SOBRE A ROCHA

Uns quinze dias depois de meu pae ter chegado, fomos surprehendidos, uma segunda-feira, por outra visita do sr. Davis. Seu genro pedira-lhe para vir dizer a meu avô que recebêra uma carta com relação á menina que fôra salva do naufragio do *Victoria*.

Assim nos disse, a meu pae e a mim, quando vinhamos do molhe para casa. Eu estava ancioso por saber o que dizia a carta.

Timpey vinha correndo pela minha mão, e eu nem queria pensar no que

havia de ser de nós quando ella se fosse embora.

—Que! pois é realmente o sr. Davis? exclamou meu avô levantando-se para vir ao nosso encontro.

—E' verdade, respondeu o ancião, é o sr. Davis, e supponho que o senhor já advinha o que aqui me traz.

—Como não seja para levar a nossa florzinha... disse meu avô tomando Timpey nos braços. Nem o senhor disse que vinha buscal-a.

—Espere um pouco, disse o ancião sentando-se e remexendo na algibeira; deixe-me ler esta carta, e depois veremos o que pensa ácerca da sua partida.

E começou a ler a carta, que dizia assim:

"Meu charo senhor.

"Estou quasi louco de alegria com a noticia que recebi num telegramma, haverá uma hora. Tinhamos sabido do naufragio do *Victoria*, e julgavamos que a nossa querida filhinha tinha morrido afogada. A mãe ia morrendo de dôr, ao saber da fatal noticia.

"E' ocioso dizer-lhe o que nós sentimos quando inesperadamente soubemos que a nossa querida filha está viva, boa e feliz!

"Partiremos no primeiro vapor que sahir para Inglaterra, para irmos buscal-a. Se minha mulher não estivesse tão fraca como está, teriamos partido hoje mesmo.

"Mil e mil agradecimentos a esses valentes que salvaram a nossa filhinha. Espero que em breve lhes agradecerei pessoalmente.

"O meu coração está transbordando de alegria, e por isso não escrevo mais.

"A nossa filha ia ao cuidado de um amigo nosso, porque desejavamos que ella sahisse da India antes de ter chegado o verão, e não podiamos deixar esta terra senão dous mezes mais tarde. Isto explica o facto de não se encontrar o appellido de Villiers na lista dos passageiros do *Victoria*.

"Agradeço-lhe sinceramente tudo o que fez para nos dar a certeza de que a nossa querida filha tinha chegado a salvamento.

"E creia-me seu amigo, etc.

EDUARDO VILLIERS."

—Então, disse o sr. Davis olhando para mim e rindo-se, apezar de eu ver brilhar uma lagrima; não que te levem a menina?

—Podera! disse meu avô; mas que se lhe ha de fazer? Pobres crianças! eram tão amigas!

—Timpey, disse eu sentando a pequenita nos meus joelhos, quem te parece que vem ahi? E' tua mãe que vem ver a pequena Timpey!

A criança olhou para mim com an-

ciedade. Evidentemente não se esquecera ainda do nome da mãe. Abriu os seus grandes olhos azues mais do que costumava e ficou pensativa por um ou dous minutos. Depois, fez com a cabeça um signal affirmativo e disse:

—A mãe de Timpey vem ver a sua filhinha?

—Deus te abençõe! exclamou o ancião afagando a criança. Parece que comprehende tudo quanto se tem passado.

Fomos almoçar, e, durante a refeição, perguntou-me o sr. Davis se eu tinha lido o papel que elle me déra.

—Leu, sim senhor, disse meu avô; lemol-o ambos.

E contou-lhe o que succedera com Jayme Millar, e o que elle me dissera na manhã em que partira da ilha, para não voltar vivo.

—E agora, continuou meu avô, tenho a pedir-lhe o favor de me explicar como se alcança a Rocha; porque estou na areia, sem duvida alguma e temo não poder resistir a tempestade.

—Ha de ser cousa terrivel, disse o sr. Davis, estar-se sobre a areia ao chegar a grande tempestade.

Sim, ha de ser, disse meu avô; quantas vezes tenho me lembrado disso nas noites de temporal, ao ouvir o rugir das ondas e dos ventos. Acode-me á memoria aquelle verso, em que se fala do mar e do bramir das ondas, e do temor que causam nos corações dos homens. Que situação horrivel não seria a minha, se eu assim estivesse e visse approximar-se o Senhor na sua gloria!

—Não tem que assustar-se, se estiver sobre a rocha, disse o nosso velho amigo; todos quantos vieram a Christo e nElle descançam, se sentirão tão seguros naquelle dia, como vós vos sentis quando estaes em vossa casa e ouvis bramir lá fóra a tormenta.

—Comprehendo isso perfeitamente, disse meu avô; mas o que não comprehendo é o que quer dizer *alcançar a rocha*.

—O meu amigo tem estado a edificar as suas esperanças do céo sobre a areia, sobre as suas boas obras, sobre as suas boas intenções, sobre tudo quanto é movediço. Não é verdade?

(*Continúa.*)

Naufragio e salvamento

CAPITULO XI

SOBRE A ROCHA

—E' verdade, respondeu meu avô; não posso negal-o.

—Pois bem, amigo, trate de deitar abaixo todo esse edificio. Diga lá no seu intimo: "Sou um homem perdido, se continúo assim; todas as minhas esperanças estão fundadas sobre a areia." E trate de edificar as suas esperanças em terreno mais firme e que resista á tempestade; edifique-as sobre Christo. E' elle o caminho unico para o céo. Morreu, para que cada um de nós, pobres peccadores, pudessemos ir para lá. Edifique sobre elle as suas esperanças, amigo. Confie no que elle praticou para o salvar, que nisso consiste toda a esperança do céo; é a isto que se chama edificar sobre a rocha.

—Agora comprehendo tudo.

—Proceda deste modo, continuou o sr. Davis, e a sua esperança será segura e duradoura, esperança que nada mais poderá abalar. E quando vier a grande tempestade, não lhe tocará; estará tão confiado e tão seguro nesse dia, como o está neste pharol quando a tempestade ruge lá fóra, porque estará assente sobre a Rocha Immovel.

Não posso recordar-me de toda a conversação do sr. Davis com meu avô durante aquella manhã; lembro-me, porém, que antes de se retirar, elle ajoelhou comnosco e orou, pedindo que estivesse sobre a Rocha cada um de

(2) Qui et alicubi in unum congesti rogum publice combusti sunt.

nós, quando viesse a grande tempestade final.

E lembro-me tambem de que naquella noite, disse meu avô, ao despedir-se de mim:

—Alick, meu filho, não tenciono dormir esta noite emquanto não poder dizer como o pobre Jayme Millar:

"Vive! hosanas eu lhe dou!
Vive! reina! e salvo eu sou!
Vivo nelle o Redemptor,
'Stou seguro em seu amor!"

E creio que meu avô cumpriu a sua palavra.

CAPITULO XII

O THESOURO RECLAMADO

Era uma manhã fria e desagradavel. A chuva açoutava as nossas janellas. O tempo estava muito humido e muito máu para que a pequena Timpey pudesse andar por fóra; de modo que nos entretinhamos a brincar, com uma bola, na cosinha, emquanto esperavamos por meu avô e por meu pae, que tinham ido ao molhe.

Que bonita estava ella naquelle dia! Trazia um vestido de sarja azul, que meu avô lhe comprára e que fôra feito pela sra. Millar, antes de deixar a ilha, e sobre elle um bibe alvo de neve.

Era para ver-se como ella pulava de contente, quando eu lhe atirava a bola por cima da cabeça, e ella ia, a correr, apanhal-a.

De repente abriu-se a porta e meu pae entrou apressado.

—Alick! está aqui a menina? Eil-os que chegam.

—Quem, meu pae? perguntei eu.

—O pae e mãe da menina; vem agora atravessando o jardim com teu avô.

Acabava de proferir estas palavras, quando entraram meu avô, uma senhora e um cavalheiro.

A senhora deitou a correr logo que viu a criança, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e estreitou-a contra o peito, como se nunca mais houvessem de se apartar. Depois sentou-se, com a filhinha no collo, pegando lhe nas suas mãos: falando-lhe, acariciando-a, a ver se a criança se recordava ainda della.

A principio Timpey olhava-a muito espantada, escondia a cara e não queria ver o rosto de sua mãe. Isto, porém, não passou do primeiro minuto. Assim que sua mãe lhe falou, pareceu recordar-se da sua voz.

—Não me conheces, querida Timpey? perguntou a sra. Villiers com os olhos banhados de lagrimas. Quem sou eu?

A criança levantou a cabeça, sorriu e respondeu:

—E' a mamãsinha, é a mama de Timpey.

E fez uma festa com a mãosinha no rosto da sra. Villiers.

Depois de presenciar esta scena, não pude continuar a entristecer-me com a ideia de que Timpey ia deixar-nos.

Lembro-me perfeitamente de quanto fui feliz aquelle dia!

O sr. Villiers e sua esposa manifestavam-nos toda a sua gratidão pelo que tinhamos feito pela sua filhinha. Achavam-na melhor e mais robusta do que estava quando partira da India, e maravilhavam-se por ella não haver esquecido nada do que lhe tinham ensinado em casa.

A sra. Villiers parecia não poder apartar os olhos da criança; seguia-a com a vista para onde ella ia, vigiava-lhe os menores movimentos.

Nunca esquecerei quanto aquelles paes pareciam alegres e felizes.

Mas, mesmo o dia venturoso tem seu fim. Quando cahia a tarde, chegou o barco que vinha buscar o sr. Villiers, sua esposa e a nossa Timpey.

Meu avô tomou a criança nos braços e sentou-a no collo. Soluçava o pobre do velho.

—Nunca, nunca me senti assim triste ao apartar-me de pessoa alguma, exclamou elle. Nunca tal me succedeu! E eu que tanto lhe queria! Desculpe-me, sr. Villiers, mas creia que não posso agradecer-lhe o levar daqui esta criança. Não está mais na minha mão!

—O que dirá então quando souber que não só pretendo levar o que me pertence, mas que ainda em cima desejo roubal-o! disse o sr. Nilliers.

—Roubar-me? repetiu meu avô.

—E' isso mesmo, disse o sr. Villiers pondo a mão sobre o meu hombro. Desejo levar tambem o seu neto. Parece-me uma crueldade obrigar um rapaz tão bello a passar a sua vida aqui, sobre este rochedo. Deixe-o ir em nossa companhia; mandal-o-hei para um collegio por tres ou quatro annos, e arranjar-se-ha depois algum emprego bom, ou cousa semelhante, para que possa ganhar a sua vida. Veja se resolve a deixar ir o pequeno, e resolva tambem seu filho.

—Nem sei o que hei de responder, disse meu avô. E' muita bondade de sua parte, muita, e bem reconheço que seria uma boa fortuna para o meu neto; mas, realmente, nunca pensei senão em deixar-lhe o meu emprego, por minha morte.

—Não lhe dê cuidado o seu emprego, atalhou meu pae. Cá me tem a mim para tratar do pharol. Já que o sr. Villiers se presta, de tão boa vontade, a levar Alick, não temos senão a agradecer-lhe e a dar graças a Deus por nos haver deparado um tal amigo.

—Tens razão, filho, tens razão. Não devemos ser egoistas. Mas, promettame que ha de deixal-o vir ver-nos, de vez em quando.

—Ora essa! disse o sr. Villiers; ha de vir cá passar as férias, e então lhes contará bellas historias da sua vida de collegial. E tu que dizes, Alick? Ha um collegio excellente na terra para onde nós vamos; estarás perto de nós, irás ver-nos nos dias feriados e aproveitarás a occasião para veres se esta mulherzinha se tem esquecido do que tu lhe ensinaste. Estás pelo ajuste?

Eu não cabia em mim de contente e estava muito reconhecido ao sr. Villiers por tanta bondade. E meu pae, e meu avô, tambem.

Diziam elles que nunca poderiam pagar um favor tão grande.

—Pagar-me! disse o sr. Villiers; pagar-me o que? Eu é que nunca lhes poderei pagar. Pensem bem, por um instante, no que me deram.

E lançou os braços em volta do pescoço de Timpey.

—Então está decidido! Quando póde Alick partir?

Meu avô propoz que eu fosse dalli a um mez, e o sr. Villiers approvou, porque exactamente um mez depois é que terminaram as férias. De maneira que, quando me despedi de Timpey, foi com a esperança de que em breve tornaria a vel-a.

Seu pae chamava-lhe Lucia, que era realmente o seu nome. Timpey era o nome pelo qual a tratavam quando era muito pequenina. Mas, apesar de Lucia ser um nome muito mais bonito, eu nunca pude deixar de lhe chamar Timpey, a minha pequena Timpey.

Nunca hei de esquecer os pensamentos que tive no decurso daquelle mez. Abria-se diante de mim uma vida nova, cuja perspectiva me encantava.

Eu, meu avô e meu pae, passavamos juntos as noites, na casa da vigia a conversar no meu futuro; de dia, andava eu pela ilha, a pensar que ia dizer-lhes adeus e que ia para um outro mundo.

Grande differença se produzira em nossa casa. A Biblia tinha sido tirada do seu logar, e era cuidadosamente lida e estudada; o domingo não tornou a ser passado como qualquer outro dia, mas era guardado, como o podia ser naquella ilha solitaria.

Meu avô tornava-se outro homem. Tinham passado as cousas velhas, tudo tornara novo. Era-me mais querido agora do que nunca, e senti-me profundamente magoado quando tive de me apartar delle.

—Nunca me apartaria de você, avô, se meu pae não estivesse comtigo.

—Nem eu julgo que te perco; teu pae veio effectivamente quando era preciso que voltasse.

Chegou, finalmente, o dia aprasado para eu me encontrar com o sr. Villiers na cidade para onde se dirigia o vapor das segundas feiras, ao largar da nossa

ilha. Meu pae e meu avô foram acompanhar me até o molhe e viram-me a bordo do vapor.

As ultimas palavras de meu avô, ao despedir-se de mim, foram estas:

"Alick, meu filho, conserva-te sobre a Rocha. Olha, não largues a Rocha!

E eu estou convencido de que nunca esqueci as ultimas palavras de despedida, que meu avô me dirigiu.